

RESUMO

Entre 2010 e 2011, foi concretizada uma ampla intervenção arqueológica na Ermida do Espírito Santo, em Almada, antecipando a recuperação do imóvel para futuro Centro de Interpretação de Almada Velha.

A Ermida foi totalmente escavada, tendo sido recuperadas 86 sepulturas, com 88 indivíduos e grande quantidade de outros ossos dispersos, para já não estudados.

Este trabalho – assumidamente preambular –, pretende compendiar as ligações entre os indivíduos inumados na Ermida do Espírito Santo e a cidade de Almada a partir do século XV, e até ao século XVIII.

PALAVRAS CHAVE: Arqueologia urbana; Antropologia biológica; Paleopatologia; Idade Média (cristão); Idade Moderna.

ABSTRACT

In 2010 and 2011, an extensive archaeological intervention took place at the Hermitage Chapel of Espírito Santo, in Almada, before the renovation of the chapel in order to house the future Old Almada Interpretation Centre.

The Chapel was completely excavated to reveal 86 graves with 88 individuals as well as a large quantity of scattered bones which have not been studied yet. This is a preparatory work which aims to describe the connections between the individuals inhumed at the Hermitage of Espírito Santo and the city of Almada from the 15th to the 18th century.

KEY WORDS: Urban archaeology; Biological Anthropology; Palaeopathology; Middle Ages (Christian); Modern age.

RÉSUMÉ

Entre 2010 et 2011, s'est réalisée une large intervention archéologique dans la Chapelle de l'Espírito Santo, à Almada, anticipant la réhabilitation du bâtiment en tant que futur Centre d'Interprétation de Almada Velha.

La Chapelle a été totalement creusée, ayant été récupérées quatre-vingt-six sépultures, avec quatre-vingt-huit individus et une grande quantité d'autres ossements épars, non encore étudiés. Ce travail, ouvertement préliminaire, prétend recenser les liens entre les individus inhumés dans la Chapelle de l'Espírito Santo et la ville de Almada du XVème au XVIIIème siècle.

MOTS CLÉS: Archéologie urbaine; Anthropologie biologique; Paléo-pathologie; Moyen Âge (chrétien); Période moderne.

Entre a Vida e a Morte

notas sobre a bioarqueologia da Ermida do Espírito Santo (Almada)

Francisco Curate ^I, Telmo António ^{II}, Sérgio Rosa ^{II}
e Fernando Robles Henriques ^{II}

*O osso
este osso
(a parte de mim
mais dura
e a que mais dura)
é a que menos sou eu?*

(FERREIRA GULLAR, 2010)

INTRODUÇÃO

O corpo morto assume o papel de sustentáculo fundamental de um espaço mortuário e, por essa razão, constitui o fulcro dos eventos fúnebres encetados pelos vivos: ritos, preces, comemorações, *et caetera*. O corpo de um indivíduo morto reproduz – ou melhor, reflete – postumamente a sua personalidade social e, *lato sensu*, as disposições sociais e culturais que o envolviam e produziam. É, desse modo, um *locus* da experiência, uma vastidão multimoda através da qual os indivíduos encontram, reconhecem e interpretam o mundo, isto é, a sociedade, a cultura e a biologia (AGARWAL, 2016). Como é lógico supor, no esqueleto – uma província de significados biológicos, culturais, sociais e políticos – coexistem vários princípios necessários, mas não opostos ou mutuamente exclusivos, que se entrecruzam de forma rizomática e que possibilitam uma aproximação integral à História ao enfatizarem a interação dinâmica e plástica dos humanos com o contexto político, social, ecológico e económico que os circunda.

^I Departamento de Ciências da Vida, Universidade de Coimbra: Centro de Investigação em Antropologia e Saúde / Laboratório de Antropologia Forense.

^{II} Câmara Municipal de Almada.

Por opção dos autores, o texto segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

A relevância do estudo bioarqueológico dos indivíduos exumados da Ermida do Espírito Santo, em Almada, assenta, pois, no reconhecimento que o corpo humano pode escapar ao olívio e representar de forma perentória o passado – o esqueleto, então, não reverbera apenas a vida, ele *foi* vida, fez verdadeiramente parte da dramaturgia do real. Com este estudo bioarqueológico – neste momento ainda preliminar – pretende-se, portanto, reconstituir alguns aspetos da vida dos indivíduos estudados (isto é, aspetos demográficos, morfológicos, de saúde e doença, genéticos, cronológicos) na relação contígua e iterada com a sociedade e cultura onde viveram e morreram – a cidade de Almada, nos séculos XV a XVIII.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

O conjunto urbano denominado Núcleo de Almada Velha é reputado um dos mais antigos e relevantes do Concelho de Almada. É composto, na sua maioria, por construções enquadráveis em Período Pombalino e posteriores (como consequência do Terramoto de 1755), incluindo, não obstante, alguns elementos anteriores, datáveis dos séculos XVI-XVII. A intervenção arqueológica na Ermida do Espírito Santo foi realizada no horizonte de uma candidatura da Câmara Municipal de Almada ao Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN), com o intuito de recuperar o edifício e convertê-lo no Centro de Interpretação de Almada Velha (ANTÓNIO e ROBLES HENRIQUES, 2012; ROBLES HENRIQUES *et al.*, 2016).

A Ermida do Espírito Santo foi presumivelmente fundada durante o século XV, embora a sua edificação se possa recuar a, pelo menos, meados do século XIV, hipótese que faz sentido se atendermos ao facto de o culto ao Espírito Santo ter sido estimulado no decurso do reinado de D. Dinis, que se alongou até 1325 (ANTUNES, 1993). O que é indiscutível é que a primeira menção escrita à existência desta ermida remonta ao ano de 1478 (ANTÓNIO e ROBLES HENRIQUES, 2012). Após o Terramoto de 1755 – e até ao desfecho do século XVIII – a Ermida do Espírito Santo serviu como sede da paróquia de Santa Maria do Castelo, período durante o qual foi profusamente utilizada como espaço sepulcral. A derradeira inumação terá acontecido em 1833. Nessa época, os sepultamentos no interior da Ermida eram já inco- muns, carecendo de assentimento formal por parte do pároco da

diocese (ANTÓNIO e ROBLES HENRIQUES, 2012; CURATE *et al.*, 2015). A expressão sacra do edifício persistiu intermitentemente no decorrer do século XIX, período em que a deterioração estrutural acompanhou a perda de identidade religiosa. A queda da Monarquia e a implantação da República Portuguesa, em 5 de outubro de 1910, corporizou o fim da sua função religiosa, entretanto já residual (ANTÓNIO e ROBLES HENRIQUES, 2012; ROBLES HENRIQUES *et al.*, 2016).

ALGUNS DADOS DA ANTROPOLOGIA FUNERÁRIA

A metodologia particular de escavação de restos ósseos humanos contemplou, numa primeira fase, a definição das sepulturas e esqueletos / ossos. Posteriormente, registaram-se em desenho e fotografia. Após acondicionamento parcial do material osteológico no local, o espólio recolhido encontra-se depositado nas reservas do Museu de Arqueologia e História da Divisão de Museus e Património Cultural da Câmara Municipal de Almada. A intervenção arqueológica iniciou-se em meados de 2010 e cedo se tornou manifesta a utilização intensiva do espaço da Ermida como necrópole (ROBLES HENRIQUES *et al.*, 2016).

A primeira sepultura (Fig. 1), escavada na rocha, observou-se no sector Sul da nave. A maior parte das inumações foi identificada *apud ecclesiam* (“na igreja”), nas áreas 3, 4 e 5 da nave central da Ermida – excetuam-se as sepulturas 29, 85, 86 e a já referida sepultura 1. No decorrer das escavações arqueológicas foi escavada a totalidade do templo, tendo sido escavadas 86 sepulturas que continham 88 indivíduos (84 sepulturas simples, duas sepulturas duplas). A intensidade da utilização da Ermida do Espírito Santo pode ser exemplificada pela sobreposição de até quatro enterramentos em algumas zonas da nave central, bem como pela profusão de reduções ósseas (reagrupamento de todos os ossos de um indivíduo ou, pelo menos, da sua maioria,



FIG. 1 – Aspeto da escavação da sepultura 1 (Ermida do Espírito Santo, Almada).

no interior do espaço onde foi efetuado o depósito original (LECLERC, 1990) (Fig. 2). Foi recuperado um conjunto vasto de ossos dispersos, atualmente a serem estudados no âmbito de uma dissertação no Mestrado em Evolução e Biologia Humanas (Departamento de Ciências da Vida, Universidade de Coimbra).

A maior parte das sepulturas possuía uma orientação Sudoeste-Nordeste (97,7%; 94 em 96), em conformidade com a maioria das igrejas de Almada. Um perinato foi inumado com orientação Sudeste-Noroeste e, por fim, um adulto orientado *versus populum*, isto é, voltado para a congregação de fiéis (Sudeste-Noroeste) (Fig. 3). Esta última inumação refere-se, muito provavelmente, à deposição de um sacerdote, referenciada no decurso da pesquisa documental efetuada no arquivo Distrital de Setúbal, nos registos paroquiais. Num cadastro datado de 1756, é referido o enterramento do Padre Manuel da Fonseca e Silva, colocado na zona da capela-mor (ROBLES HENRIQUES *et al.*, 2016). Dos 88 indivíduos identificados, 82 encontravam-se posicionados em decúbito dorsal (93,2%), um em decúbito ventral (1,1%; também inumado com orientação heterodoxa), e em cinco (5,7%) não foi possível determinar com exatidão a posição de sepultamento. A deposição em decúbito dorsal integra o arquétipo ritual das inumações cristãs, prosseguindo a tradição de influência romana (TARDIEU, 1993).

Apenas 12 indivíduos foram enterrados em caixão de madeira (14,3%; 12 em 88) (Fig. 4), onze dos quais envolvidos num sudário. A maioria terá sido inumada no solo (85,7%; 72 / 88), de forma direta (55,6%; 40 / 72) ou embrulhada num sudário (44,4%; 32 / 72).



FIG. 2 – Redução óssea com ossos longos, crânio e coxal na Área 4 da Ermida do Espírito Santo (Almada).



FIG. 3 – Sepultura 21, *versus populum*. Apenas foi recuperado um pé deste indivíduo adulto, provavelmente do sexo masculino.



FIG. 4 – Três momentos da escavação de uma sepultura com caixão.

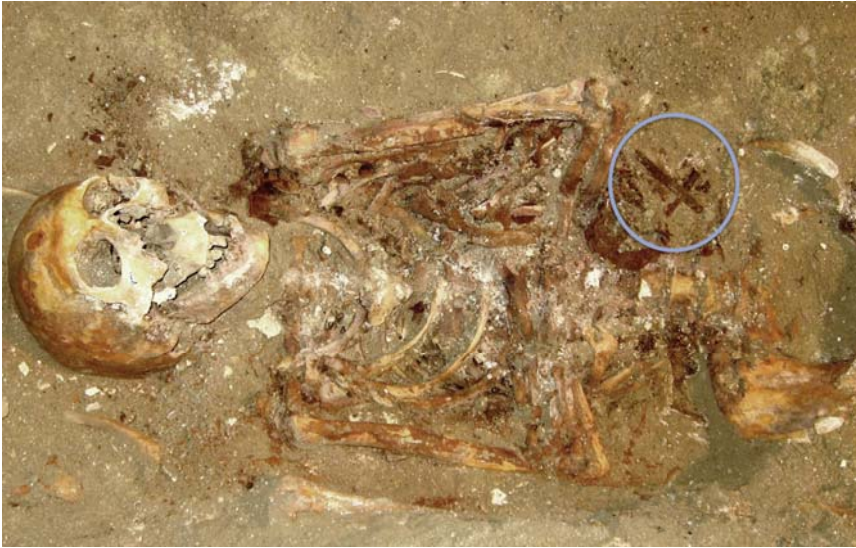


FIG. 5 – Sepultura 10, adulto do sexo feminino, com crucifixo de madeira (círculo azul).

CALAMIDADES OBSTÉTRICAS, CELEBRAÇÃO E MARGINALIZAÇÃO

Nos últimos 20 anos, a bioarqueologia da infância tem reinterpretado a “criança histórica” num contexto em que esta não só faz

A presença de espólio votivo (rosários, crucifixos, medalhas religiosas) (Fig. 5) ou profano (sapatos) observou-se em 43,2% dos indivíduos (38 / 81). Os percursos biográficos podem prolongar-se muito tempo após a morte, através de memórias, traços, objetos (GELL, 1998): a cultura material associada às inumações revela – ainda que de forma imperfeita e truncada – algo da fisionomia social do morto quando ainda era vivo, numa espécie de jogo de espelhos em que a morte reproduz de forma mais ou menos fiel a estrutura socioeconómica da sociedade.

parte da História e dos seus processos, mas também a constitui e organiza de forma ativa (LEWIS, 2007; LILLEHAMMER, 1989). O ritual funerário integra as arenas de disputa que identificam as crianças como indivíduos com agência ou, pelo contrário, as reduzem a simples testemunhas passivas do passado (CRAWFORD e SHEPHERD, 2007). Os enterramentos de perinatos na Ermida do Espírito Santo sugerem que o corpo de uma criança morta *pertencia* aos adultos, que assumiam os critérios resolutivos no ritual funerário: a celebração ou a marginalização (CURATE *et al.*, 2015).

Dos seis perinatos escavados na Ermida, dois foram depositos nos braços de mulheres adultas em idade reprodutiva (Fig. 7).

PERFIL PALEODEMOGRÁFICO: DADOS GERAIS

Dos 88 indivíduos escavados na Ermida do Espírito Santo (apenas as inumações primárias são aqui referidas), 85,2%, isto é, 75 em 88 eram adultos – dos quais 34 mulheres e 26 homens. Os não-adultos perfaziam 14,8% (13 / 88) dos indivíduos sepultados na Ermida. Os dados preliminares apontam para um perfil etário envelhecido, com 47,8% (11 / 23) dos indivíduos adultos a falecer depois dos 50 anos de idade (Fig. 6). No caso dos indivíduos não adultos, salienta-se que seis (46,2%; 6 / 13) morreram em período perinatal, isto é, entre as 20 semanas gestacionais e os 28 dias após o parto.

FIG. 6 – Distribuição etária dos indivíduos escavados na Ermida do Espírito Santo e já estudados.

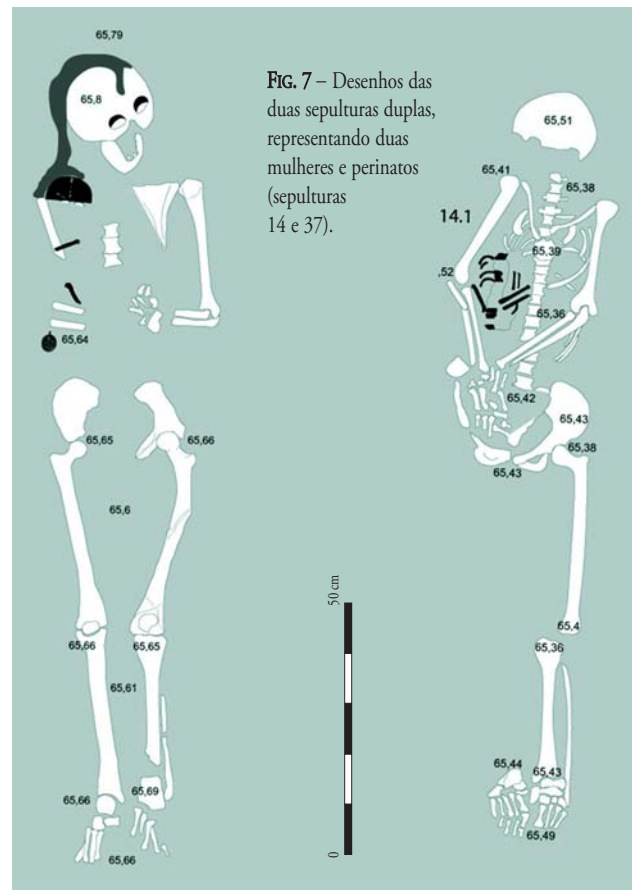
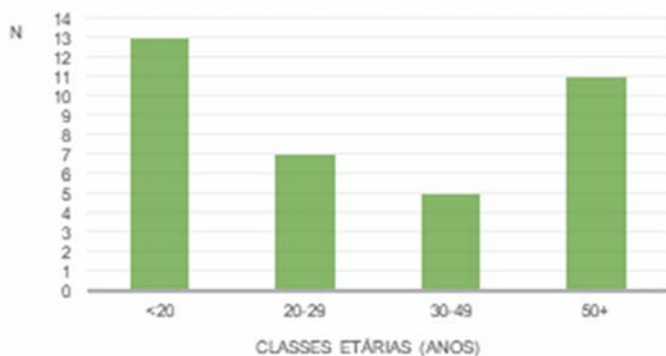


FIG. 7 – Desenhos das duas sepulturas duplas, representando duas mulheres e perinatos (sepulturas 14 e 37).

DESENHO: Sérgio Rosa.

Estas sepulturas duplas – as únicas da Ermida – podem ser compreendidas num contexto de mortalidade obstétrica de mãe e filho/a. Historicamente, a mortalidade materna sempre foi relativamente elevada, tal como a mortalidade de mãe e criança, resultando de problemas durante ou após o parto, incluindo pré-eclâmpsia / eclâmpsia ¹, parto distócico ² ou infeções puerperais ³. A natureza singular destas sepulturas, quer no contexto da Ermida do Espírito Santo, quer no âmbito da literatura bioarqueológica, convoca a possibilidade de estarmos perante uma díade mãe-filho/a. Embora até ao momento ainda não tenha sido possível realizar análises de DNA antigo, a posição das crianças nos braços das jovens mulheres (emulando a posição de embalar), bem como a presença de um objeto votivo – uma medalha de origem Polaca com a imagem de Nossa Senhora de Częstochowa – relacionado com a maternidade numa das sepulturas duplas, sugerem o peso fundamental da relação entre mãe e filho/a. Confrontadas com estas (prováveis) “calamidades obstétricas”, a família (e, em sentido lato, a sociedade Almadense) das vítimas decidiu apartar-se, de forma ponderada (enfatizando uma ligação biológica e social), do ritual funerário ortodoxo (a sepultura individual), sepultando dois corpos na mesma cova (CRAWFORD e SHEPHERD, 2007). Os sepultamentos de dois perinatos fora da nave da Ermida, e de um outro no nártex do templo, sugerem de forma desapiedada o destino liminar das crianças não batizadas. Os enterramentos nas margens e periferias dos templos caracterizavam muitas vezes a expressão coletiva de um impedimento teológico mais abrangente: a exclusão dos recém-nascidos não batizados, julgados corrompidos pelo pecado original da sua conceção, de solo consagrado (MOREL, 2001). Finalmente, registou-se o enterramento de um perinato diferente de todos os outros: a orientação e posição do corpo – orientação Sudeste-Noroeste, em decúbito ventral – resultaram muito provavelmente de uma deposição irregular que não foi mediada por gestos rituais (Fig. 8). O enterramento heterodoxo deste indivíduo alude, não somente aos obstáculos teológicos relativos ao sepultamento de crianças sem batismo, mas a um mundo oculto de abandono de nados-mortos, ilegítimidade e mesmo infanticídio (GOWING, 1997). Algumas anotações paroquiais relativas a Santa Maria do Castelo – embora recolhidas numa modulação burocrática que é sempre fragmentária e encobridora – desvelam uma perspetiva de como o abandono de nados-mortos era arbitrado e estruturado pelos párocos da paróquia em inícios de oitocentos (CURATE *et al.*, 2015).

¹ Complicações da gravidez que se manifestam através da elevação da pressão arterial e convulsões.

² Parto em que, apesar da contração normal do útero, a criança não consegue passar pela bacia por esta se encontrar fisicamente obstruída.

³ Infeções bacterianas do aparelho reprodutor feminino subsequentes a um parto ou aborto espontâneo.



FIG. 8 – Enterramento heterodoxo de perinato no interior da Ermida (sepultura 38).

DESENHO: Sérgio Rosa.

BIOARQUEOLOGIA DOS CUIDADOS

A “bioarqueologia dos cuidados” designa toda e qualquer investigação bioarqueológica focada no provimento de cuidados de saúde e auxílio na alimentação, locomoção, higiene pessoal, entre outros, a indivíduos que experienciam – num dado momento, ou ao longo, da sua vida –, a “materialidade fenomenológica” (SENA MARTINS, 2015) da doença, trauma ou deficiência, que impede ou limita a sua sobrevivência (TILLEY e CAMERON, 2014). A história da empatia, cooperação e cuidado proporcionados a indivíduos doentes é longa, com pelo menos 1,8 milhões de anos, exemplificada pela ajuda do grupo a um indivíduo edentulado (desdentado) de Dmanisi, na Geórgia, da espécie *Homo erectus* (CUNHA, 2016).

Uma mulher adulta (>50 anos) sepultada na Ermida do Espírito Santo – cujo esqueleto estava bem conservado, mas incompleto (Fig. 9) – apresentava fraturas múltiplas nos membros inferiores, especificamente nas tíbias e fíbulas (Fig. 10). A tíbia esquerda exibia duas fraturas consolidadas, que resultaram no encurtamento do osso e em alterações articulares proximais e distais. A fratura que ocorreu na metade proximal apresentava uma angulação considerável. Na perna direita, registaram-se fraturas diafisárias na tíbia e fíbula, com angulação e consolidação viciosa. Não se observaram fraturas em quaisquer outros ossos (CURATE *et al.*, 2013).

Estas fraturas resultaram provavelmente de um impacto direto de elevada energia, refletindo um evento traumático como um atropelamento ou uma queda (KATZ *et al.*, 2008). Nada obstante, os atropelamentos eram incomuns no século XVIII e a não existência de fraturas nos ossos dos pés sugere que uma queda de altura elevada também não foi a causa destas fraturas. Na economia das hipóteses, sugere-se que a queda de uma parede ou muro sobre as pernas desta mulher poderá ter produzido estas lesões.



FIGS. 9 E 10 – À esquerda, esqueleto bem conservado, mas incompleto (canto inferior esquerdo), de mulher com diversas fraturas nos membros inferiores (sepultura 31).

Em cima, pormenor das fraturas nas tíbias e fíbulas.

As fraturas concomitantes da tíbia e fíbula, assim como as fraturas com angulação vultosa, são mais instáveis e difíceis de restabelecer sem intervenção médica. A índole destas lesões – sobretudo o seu corolário biomecânico – implicou decerto uma significativa incapacidade motora por parte desta mulher, com consequências diretas sobre a sua autonomia (ao nível da locomoção, higiene ou alimentação) e, portanto, sobre a sua capacidade de sobrevivência. As fraturas concorrem para um espectro variável de insuficiências funcionais que limita a locomoção e diminui as competências pessoais. Como tal, a sobrevivência pós-fratura desta mulher sugere (ou melhor, demonstra cabalmente) que lhe foi prestado algum tipo de assistência comunitária, sobretudo familiar. Em Portugal, tal como em outros países da orla do Mediterrâneo, a família sempre formou o sustentáculo dos elementos mais vulneráveis da sociedade (REHER, 1998).

UMA NOITE COM VÊNUS, UMA VIDA INTEIRA COM MERCÚRIO

A historiografia Portuguesa, particularmente a partir do século XVIII, compendia um corpo volumoso de testemunhos clínicos e epidemiológicos de sífilis, sobretudo aqueles que se atêm sobre a variante se-

xualmente transmitida da doença. Seguindo, de resto, a sensibilidade Europeia da época, a sífilis era vista em Portugal como uma calamidade social, influenciada por e influenciadora de comportamentos, interdições, leis e migrações. Porém, o registo arqueológico da doença em Portugal é ainda modesto, apesar de se notar um acréscimo da casuística na última década (ASSIS, CASIMIRO e CARDOSO, 2015; LOPES, 2014).

Um indivíduo adulto do sexo feminino, cujos restos esqueléticos foram recuperados na Ermida, apresentava diversas lesões ósseas que configuram, presumivelmente, um diagnóstico de sífilis venérea (ROSA *et al.*, 2018). Esta mulher adulta (30 a 49 anos) foi sepultada em fossa simples (Fig. 11), em decúbito dorsal, orientada no sentido Sul / Sudoeste-Norte / Nordeste.



FIG. 11 – Sepultura 79, mulher com diagnóstico provável de sífilis.

A sua face inclinava-se de suavemente para o lado esquerdo e as mãos, em disposição de prece, sustentavam um crucifixo de madeira (Fig. 12). As pernas fletiam-se lateralmente, com os joelhos a pender para o lado esquerdo, diferenciando-se neste aspeto do ritual de inumação observado nos restantes indivíduos sepultados na Ermida do Espírito Santo. O esqueleto apresentava marcas de escurecimento, erosão e danos *post mortem* produzidos pela aplicação de cal viva ao corpo durante o sepultamento.

O crânio (Fig. 13) apresentava um pequeno foco de *caries sicca*⁴, muito remodelado e pouco perceptível, no frontal direito. Noutras zonas do frontal, observaram-se orifícios agrupados e confluentes; junto à órbita direita e nos zigomáticos, assinalaram-se microporosidade e formação de osso novo.

⁴ Lesões cranianas provocadas por treponematoses (sífilis, por exemplo).

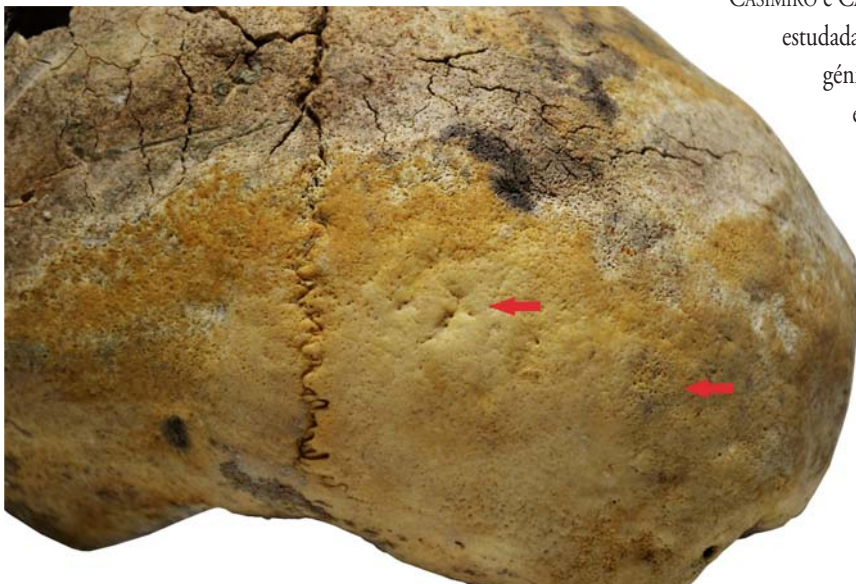


FIG. 13 – Crânio com *caries sicca* incipiente e porosidade confluyente (setas vermelhas).



FIG. 12 – Crucifixo de madeira que acompanhava a mulher da sepultura 79.

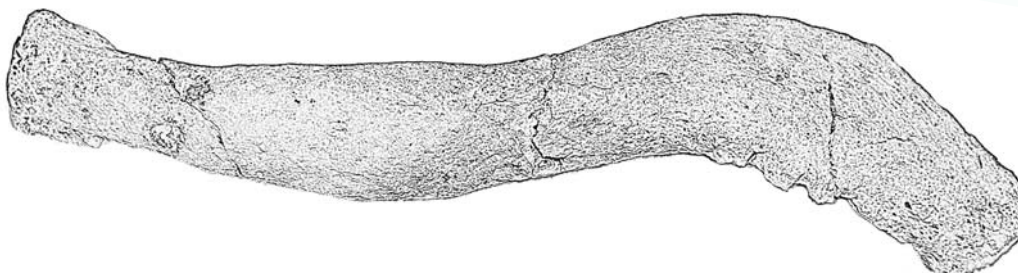
As órbitas exibiam *cribra orbitalia*⁵ não ativa. O úmero direito, e a clavícula (Fig. 14), fémur (Fig. 15) e tibia esquerdos, apresentavam espessamento da diáfise com remodelação óssea (osteíte, lesões osteolíticas, etc.).

⁵ Lesões porosas nas órbitas cranianas.

As vértebras lombares exibiam microporosidade e remodelação óssea na parte anterior do corpo vertebral. As lesões observadas, tomadas em conjunto, suportam um diagnóstico provável de sífilis adquirida através de contato sexual. Os contextos demográfico e cronológico são também sugestivos de sífilis venérea (ASSIS, CASIMIRO e CARDOSO, 2015).

Por um lado, a idade da mulher estudada não é consentânea com um caso de sífilis congénita – conquanto não afaste incontestavelmente essa suspeita. Por fim, a cronologia deste caso, presumivelmente pós-Terramoto de 1755, norteia as presunções de diagnóstico para a sífilis adquirida por via sexual.

O mercúrio, na forma de cloreto de mercúrio, foi usado desde o século XV na terapêutica da sífilis (LOPES, 2014). Giorgio Sommariva, em 1496, foi o primeiro a sugerir um tratamento baseado em compostos de mercúrio e, nos séculos seguintes e até à descoberta da penicilina, o mercúrio foi amplamente usado no combate à sífilis.



FIGS. 14 E 15 – Engrossamentos das diáfises da clavícula (à esquerda) e do fémur (em cima).



FIG. 16 – Panorama da nave central da Ermida do Espírito Santo (Almada).

A associação entre a transmissão por via sexual e o tratamento com mercúrio suscitou a sentença popular: uma noite com Vénus, uma vida inteira com Mercúrio. Como já foi exposto, o estudo do cabelo de uma mulher sepultada na Ermida com lesões traumáticas severas dos membros inferiores revelou uma elevada concentração de mercúrio (PESSANHA *et al.*, 2016). Nesse sentido, a concentração de mercúrio foi também testada no crânio da mulher com diagnóstico de sífilis, mas os valores observados são residuais e dentro dos valores considerados normais.

O ritual funerário associado à mulher com diagnóstico provável de sífilis na Ermida do Espírito Santo é interessante: o sepultamento em solo consagrado, a orientação canónica e o objeto de culto sugerem uma conexão religiosa, uma ligação ao Catolicismo, e também a possibilidade de tolerância comunal (quando não o desconhecimento da doença que afetaria a falecida) face a uma doença – o morbo venéreo – que redundava comumente na punição social dos indivíduos afetados (LOPES, 2014).

CONSIDERAÇÕES (NÃO MUITO) FINAIS

O corpo é um dos “objectos” da bioarqueologia – através do esqueleto. O esqueleto e a cultura material que o rodeiam são construções sociais complexas, profundamente impregnadas de valores e significa-

dos. A licitude de um esqueleto enquanto prova palpável de uma presença histórica e das circunstâncias que a constituíram, advém do facto de que o corpo morto não reverbera simplesmente a vida, ele *foi a vida*; fez objetivamente parte do teatro da realidade. As investigações antropológicas preambulares focadas nos restos esqueléticos humanos da Ermida do Espírito Santo (Fig. 16) revelaram já informações significativas sobre a vida e a morte na cidade de Almada durante os séculos XVII e XVIII, sobretudo.

O estudo antropológico pormenorizado dos indivíduos sepultados na Ermida (bem como do espólio que lhe estava associado e da historiografia de Almada) permite a construção de osteobiografias indispensáveis para a contração do abismo entre o passado e o presente: seguindo MERLEAU-PONTY (1945), o corpo é a casa que ocupamos, é o local onde o mundo nos é revelado, onde o mundo – na sua aceção biopolítica – é inscrito. O esqueleto constitui o elemento que, através de um jogo de protocolos e demonstrações, reconhece que o “crime” ocorreu, que ele mesmo o cometeu; mostra que o leva inscrito em si e sobre si.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGARWAL, S. (2016) – “Bone morphologies and histories: life course approaches in bioarchaeology”. *Yearbook of Physical Anthropology*. USA: John Wiley & Sons Inc. 159: S130-S149.
- ANTÓNIO, T. e ROBLES HENRIQUES, F. (2012) – “A Ermida do Espírito Santo de Almada: notícia preliminar sobre os testemunhos documentais”. *Al-Madan Online*. Almada: CAA. 17 (1): 150-154. Disponível em <http://issuu.com/almadan>.
- ANTUNES, L. P. (1993) – “A Ordem de Santiago em Almada nos Séculos XII a XV”. *Al-Madan*. Almada: CAA. 2.ª Série. 2: 91-99.
- ASSIS, S.; CASIMIRO, S. e CARDOSO, F. A. (2015) – “A possible case of acquired syphilis at the former Royal Hospital of All-Saints (RHAS) in Lisbon, Portugal (18th Century): a comparative methodological approach to differential diagnosis”. *Anthropologischer Anzeiger*. Stuttgart: Schweizerbart Science Publishers. 4: 427-449.
- CRAWFORD, S. e SHEPHERD, G. (2007) – *Children, childhood and society*. Birmingham: IAA (Interdisciplinary Series Studies in Archaeology, History, Literature and Art, Volume I).
- CUNHA, E. (2016) – “Compassion between humans since when? What the fossils tell us”. *Emográfica*. Lisboa: Centro em Rede de Investigação em Antropologia. 20: 653-657.
- CURATE, F.; ANTÓNIO, T.; ROSA, S. e ROBLES, F. (2013) – “Fracturas bilaterales de tibia y peroné en un individuo femenino de la «Ermida do Espírito Santo» (Almada, Portugal)”. In MALGOSA, A.; ISIDRO, A.; IBÁÑEZ-GIMENO, P. e PRATS-MUÑOZ, G. (eds.). *Vetera Corpo Morbo Afflicta*. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, pp. 225-230.
- CURATE, F.; ROBLES HENRIQUES, F.; ROSA, S.; MATOS, V.; TAVARES, A. e ANTÓNIO, T. (2015) – “Mortalidade Infantil na Ermida do Espírito Santo (Almada): entre o afecto e a marginalização”. *Al-Madan*. Almada: CAA. 2.ª Série. 19: 68-76.
- FERREIRA GULLAR (2010) – *Em Alguma Parte Alguma*. Lisboa: Ulisseia.
- GELL, A. (1998) – *Art and agency: an anthropological theory*. Oxford: Clarendon.
- GOWING, L. (1997) – “Secret births and infanticide in seventeenth-century England”. *Past and Present*. Oxford: Oxford University Press. 156 (1): 87-115.
- KATZ, M.; OKUMA, M. A.; SANTOS, A. L.; GUGLIEMETTI, C. L.; SAKAKI, M. e ZUMIOTTI, A. V. (2008) – “Epidemiology of high-energy trauma injuries among the elderly”. *Acta Ortopédica Brasileira*. São Paulo: Atha Comunicação e Editora. 16 (5): 279-283.
- LECLERC, J. (1990) – “La notion de sépulture”. *Bulletins et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris*. Paris: Société d'Anthropologie de Paris. Nouvelle Série. 2 (3-4): 13-18.
- LEWIS, M. (2007) – *The bioarchaeology of children*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LILLEHAMMER, G. (1989) – “A child is born: the child's world in an archaeological perspective”. *Norwegian Archaeological Review*. Taylor & Francis Online. 22 (2): 89-105.
- LOPES, C. (2014) – *As Mil Caras de uma Doença. Sífilis na sociedade Coimbrã no início do século XX. Evidências históricas e paleopatológicas nas Coleções Identificadas de Coimbra*. Tese de Doutoramento em Antropologia Biológica. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
- MERLEAU-PONTY, M. (1945) – *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard.
- MOREL, M.-F. (2001) – “Images du petit enfant mort dans l'histoire”. *Études sur la mort*. Paris: L'Esprit du temps. 119 (1): 17-38.
- PESSANHA, S.; CARVALHO, M.; LUISA, M. e DIAS, A. (2016) – “Quantitative analysis of human remains from 18th-19th centuries using X-ray fluorescence techniques: The mysterious high content of mercury in hair”. *Journal of Trace Elements in Medicine and Biology*. Elsevier. 33: 26-30.
- REHER, D. (1998) – “Family ties in Western Europe: persistent contrasts”. *Population and Development Review*. New York: Population Council. 24 (2): 203-234.
- ROBLES HENRIQUES, F.; ANTÓNIO, T.; ROSA, S. e CURATE, F. (2016) – *Escavação Arqueológica na Ermida do Espírito Santo (Almada)*. Almada: Câmara Municipal de Almada. [relatório].
- ROSA, S.; ROBLES HENRIQUES, F.; ANTÓNIO, T. e CURATE, F. (2018) – “Um possível caso de sífilis adquirida oriundo da Ermida do Espírito Santo (Almada, Portugal)”. *Antropologia Portuguesa*. Coimbra: Centro de Investigação em Antropologia em Saúde. 35: 83-96.
- SENA MARTINS, B. (2015) – “A reinvenção da deficiência: novas metáforas na natureza dos corpos”. *Fractal: Revista de Psicologia*. Niterói: Universidade Federal Fluminense. 27 (3): 264-271.
- TARDIEU, J. (1993) – “La dernière demeure: archéologie du cimetière et des modes d'inhumation”. In ALEXANDRE-BIDON, D. e TREFFORT, C. (eds.). *A réveiller les morts. La mort au quotidien dans l'Occident médiéval*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, pp. 223-244.
- TILLEY, L. e CAMERON, T. (2014) – “Introducing the Index of Care: A web-based application supporting archaeological research into health-related care”. *International Journal of Paleopathology*. Elsevier. 6: 5-9.

PUBLICIDADE



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

Associação de Utilidade Pública
Sem Fins Lucrativos

Organização Não-Governamental
de Ambiente

[travessa luís teotónio pereira,
cova da piedade, almada]

[212 766 975 | 967 354 861]

[c.arqueo.alm@gmail.com]

[<http://www.caa.org.pt>]

[<http://www.facebook.com>]

1972 - 2019

47 anos

de intervenção social

**uma Associação
em que dá gosto
participar!**

**peça já a sua
ficha de inscrição**